



O THEATRO



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

FERNANDO FERREIRA COSTA

Coordenador Geral da Universidade

EDGAR SALVADORI DE DECCA

EDITORA
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO
EDUARDO DELGADO ASSAD – JOSÉ A. R. GONTIJO
JOSÉ ROBERTO ZAN – MARCELO KNOBEL
SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

Patrocínio



PETROBRAS





O THEATRO

CRÔNICAS DE ARTHUR AZEVEDO

(1894-1908)

ORGANIZAÇÃO

Larissa de Oliveira Neves

Orna Messer Levin

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Az25t Azevedo, Arthur, 1855-1908
O teatro: crônicas de Arthur Azevedo (1894-1908) / organizadoras: Larissa de
Oliveira Neves e Orna Messer Levin. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

1. Azevedo, Arthur, 1855-1908. 2. Crônicas brasileiras. 3. Teatro brasileiro – História e crítica. I. Neves, Larissa de Oliveira. II. Levin, Orna Messer. III. Título.

ISBN 978-85-268-0843-0

CDD B869.349

B869.249

Índices para catálogo sistemático:

1. Azevedo, Arthur, 1855-1908	B869.349
2. Crônicas brasileiras	B869.349
3. Teatro brasileiro – História e crítica	B869.249

Copyright © by Larissa de Oliveira Neves e Orna Messer Levin

Copyright © 2009 by Editora da Unicamp

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada
em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos
ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
Caixa Postal 6074 – Barão Geraldo
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

“Bem quisera eu pensar noutra coisa que não fosse o teatro, isto é, que não fosse aquilo em que penso todos os dias, todas as horas, todos os momentos, nas situações normais da minha vida.”

“O Theatro”, 17/12/1903

Nota do editor: a maioria das imagens deste livro foi retirada de arquivos em microfilme, por isso a qualidade de reprodução não é totalmente satisfatória, mas a inclusão foi decidida pelo seu importante valor documental.



Agradecimentos

Esta edição não teria sido possível sem a colaboração de pessoas e instituições que nos ajudaram a concretizar um sonho. Gostaríamos de manifestar nossa gratidão, em especial, a Raquel Teixeira Valença, pela generosidade em ceder os originais faltantes e pelo envolvimento com as pesquisas dedicadas à obra de Arthur Azevedo; a Thiago Basile, pelo entusiasmo com o projeto, ao qual abraçou tornando viável a transcrição do enorme volume de crônicas aqui reunidas; a Elisa Domingues Coelho e Julia Alves Coutinho; ao Arquivo Edgar Leuenroth (Unicamp); à Fundação Casa de Rui Barbosa; à Fundação Biblioteca Nacional; à Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro / Funarj / Museu dos Teatros; à Academia Brasileira de Letras; ao Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro; ao Centro de Documentação da Funarte.

Agradecemos também aos professores e funcionários do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, que acolheu esse projeto desde seus primeiros passos.



Um escritor, vários jornais

ORNA MESSER LEVIN

TANTAS MUSAS

Poucos dias após a morte de Arthur Azevedo, ocorrida em 22 de outubro de 1908, a *Gazeta de Notícias* estampou em suas páginas o tocante depoimento que Olavo Bilac redigiu naquela triste ocasião, sob o impacto da última despedida do amigo, velado na residência da família, no antigo Campo de São Cristóvão. “Que outro assunto, hoje, senão a morte de Arthur Azevedo?” indagava o aclamado poeta e cronista, entregando-se, em seguida, ao consolo das lembranças. Certo de que o passamento do “príncipe da crônica” enlutava o país, Bilac compartilhou com seus leitores a lembrança de uma felicidade juvenil, que lhe tomara inteiramente, ao ver seus versos de adolescente, estreante e desconhecido, estampados no *Diário de Notícias* graças à iniciativa de Arthur Azevedo. Naquela época, a liderança de Arthur Azevedo já era forte, se exercia por meio do estímulo oferecido aos jovens, do amparo e da proteção que dava aos poetas e artistas novatos, caracterizando um modo simpático e acolhedor de atuação no meio jornalístico. Essa liderança dinamizadora e a grande generosidade definiram, segundo Bilac, os traços marcantes de sua pessoa, a base de uma moldura singular, fundamental tanto na fixação de sua personalidade como na de seu perfil intelectual.¹

1. BILAC, Olavo, “Crônica”, *Gazeta de Notícias*, 25 de outubro de 1908, *apud* DIMAS, Antonio, *Bilac, o Jornalista: Crônicas*, vol. 1, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Edusp/Editora da Unicamp, 2006, pp. 897-899.

Bilac voltaria a enfatizar os atributos do amigo, na semana seguinte, ao dirigir-se à classe teatral reunida para o espetáculo em benefício dos filhos de Arthur Azevedo: “Ninguém jamais vos amou tanto, nem tanto vos defendeu, atores do Brasil!”. A solidariedade dele para com os artistas e a luta empreendida na imprensa pelo reconhecimento e a dignidade da profissão teatral deram a tônica do discurso proferido por Bilac em uma noite marcada de emoções, no teatro Lucinda, conforme registrou o matutino *O País*.² Na circunstância do luto recente, os gestos de acolhimento e generosidade evocados com gratidão nas homenagens públicas pareciam assegurar ao poeta da *Via Láctea* que, em Arthur Azevedo, a bondade do homem se integrava às qualidades do escritor, assim como o artista formava com sua morada uma só e única fisionomia. O prolongamento do espiritual sobre o material, da alma sobre o corpo, garantiriam, na visão de Bilac, que o desaparecimento físico não seria suficiente para varrer a obra do escritor da história.

Ao celebrar o centenário de morte de Arthur Azevedo, em 2008, parece oportuno relançar uma vista de olhos sobre seu legado à procura de tal confirmação. Na perspectiva de hoje, a balança histórica lhe tem sido favorável. Afinal, a alma do artista, na evocação de Bilac, sobreviveu ao esquecimento e vem ganhando vitalidade no sopro de novas antologias literárias, que se somam às escolares mais tradicionais, e de recentes montagens e produções teatrais inspiradas em sua vasta dramaturgia. Naturalmente, esse interesse renovado não poderia ser atribuído apenas à conquista da imortalidade na Academia Brasileira de Letras, que o consagrou titular da cadeira n. 29, tendo o dramaturgo e folhetinista Martins Pena como patrono. O prestígio ganho junto àquele seletivo grupo de fundadores da instituição, criada em 1895, apenas coroou uma carreira ascendente, de aplausos e sucessos alcançados nos palcos do Rio de Janeiro, nos quais reinou absoluto nos diversos gêneros musicados e, sobretudo, na prática diária das redações dos jornais, onde transitava à vontade.

2. BILAC, Olavo, “Discurso”, *O País*, 1º de novembro de 1908, *apud* MÉRIAN, Jean-Ives, “Arthur Azevedo, journaliste, témoin de son temps”, *Études Portugaises et Brésiliennes XI*, Centre D’Études Hispaniques, Hispano-Américaines et Luso-Brésiliennes, Université de Haute Bretagne, 1977, pp. 55-95.

Importa destacar, quanto a isso, a forte empatia que Arthur mantinha com seus contemporâneos, a quem soube conquistar e cujas aspirações sintetizou de diversas maneiras, ora na função de jornalista, ora como poeta, dramaturgo, contista ou no papel de crítico de arte. Dono de uma escrita leve e cativante, que lhe permitiu corresponder às expectativas da audiência e dos leitores, arrebatou um número significativo de admiradores fiéis. Em verso ou prosa, revelou uma capacidade ímpar de comunicação e um poder de ajuste aos meios de divulgação, que então se modernizavam, colhendo com isso o apreço dos contemporâneos, apesar de ter sido alvo também da censura dos críticos, a quem desgostava certo descuido aparente no estilo e sua deliberada concessão ao gosto popular. Adorado por uns, atacado por outros, é certo que Arthur Azevedo se identificou com as demandas de sua época e se enfileirou entre aqueles que contribuíram para a ampliação do campo literário, abrindo-se na direção da emergente cultura de massas. Isso talvez explique sua permanência como escritor palatável, afeito a um gosto médio que se impôs e se tornou hegemônico na arte produzida para o consumo.

Como poeta, destacou-se pela feição humorística e a verve satírica, que expunha em versos de ocasião espalhados continuamente nos jornais da capital. A propósito de assuntos palpitantes do dia a dia, criava estrofes risíveis como se contasse uma piada ou relatasse algum episódio cômico. Exemplo claro disso são as rimas anedóticas de “Ao jornal *O Dia*” e um poema espirituoso sobre moda feminina, em que se divertiu tratando das vestes modernas que usavam então as mulheres doutoras.

Na poesia de temática amorosa, por sua vez, adquiriu uma feição lírica expressiva, antes pela tonalidade espontânea dos versos do que pela comoção. Compunha com a mesma leveza e espiritualidade com que construía uma conversação dramática, trazendo naturalidade e fluência para seus poemas líricos, conforme se vê nas deliciosas estrofes de *Arrufos*:

Não há no mundo quem amantes visse
Que se quissem como nós queremos,

Mas hoje uma questiúncula tivemos
Por um caprichosinho, uma tolice.

– Acabemos com isto! Ela me disse,
E eu respondi-lhe assim: – Pois acabemos!
– E fiz o que se faz em tais extremos:
Peguei no meu chapéu com fanfarrice,

E, dando um gesto de desdém profundo,
Saí cantarolando. Está bem visto
Que a forma ali contradizia o fundo

Ela escreveu. Voltei, nem Jesus Cristo,
Nem minha mãe, voltando agora ao mundo,
Foram capazes de acabar com isto!

Sem alimentar os excessos da sensibilidade romântica, cujos arroubos ironizou dramatizando a psicologia dos amantes, soube ajustar a facilidade que tinha de provocar riso ao trabalho de busca formal proposto pela nascente poesia parnasiana. Logo se identificou com a geração responsável pelo retorno ao soneto e às regras clássicas, acolhendo com entusiasmo as propostas dos jovens que seriam os principais expoentes da nova escola, a quem revelou e ajudou a divulgar. Sob a rubrica “Um Soneto por Dia” promoveu, de início, nas páginas da *Gazetinha* (1881), em seguida, no *Correio do Povo* (1889) e também na coluna “Parnaso”, do jornal *Novidades*, para o qual se transferiu, em 1888, autores ainda pouco conhecidos como Guimarães Passos, João Ribeiro, Raimundo Correia, Olavo Bilac, Medeiros e Albuquerque, Alberto de Oliveira, dentre outros. Abriu caminho para a difusão na imprensa de um modelo de poesia pós-romântica, que se consagraria entre os leitores escolarizados, persistindo como um padrão quase oficial no nosso país, até meados do século xx.

Embora não se tenha guiado exclusivamente pelo rigor da forma e assinasse inúmeras rimas soltas, foi como sonetista que Arthur Azevedo se integrou, na história literária, aos artífices do verso parnasiano.

Inclui-se, na eleição de Alberto de Oliveira e Manuel Bandeira, entre os mais notáveis sonetistas de nossa língua, autor de versos antológicos impecáveis como os de *As Estátuas*, *Vem*, *Transit* e *Não Morras*.³ Executor de versos precisos, acomodados com perfeição à medida métrica, sua contribuição pessoal para a arte do soneto está na incorporação dos processos dramáticos, evidentes em “Impressões de Teatro” e “Soneto Dramático”, a partir dos quais estruturou cenas e conferiu intensidade às ações acomodadas de acordo com a contensão das estrofes.⁴

Amante do teatro desde a mocidade, experimentou, no início da carreira, aplicar a técnica da poesia na criação de uma comédia em versos, intitulada *A Jóia* (1879). Trocou, porém, de projeto para se dedicar às revistas de ano, que lhe trouxeram fama imediata. Os recitativos, rondós, coplas e estrofes musicadas de sua autoria ganharam rapidamente as ruas. Consta que eram de pronto memorizados pelo povo, que continuava a cantá-los na cidade. Talvez por isso seja tido como um dos introdutores da música popular brasileira na boca do povo, antes da era do rádio.⁵ Garcia Redondo não hesitou em afirmar que Arthur primou, acima de qualquer coisa, na arte de fazer versos memoráveis, pois esses lhe saíam da pena “graciosos, cantantes, cheios de verve e fáceis de reter”.⁶

Igualmente acessíveis e despretensiosos eram seus textos em prosa, sem rebuscamento vocabular, de leitura simples, ao alcance de todos. Publicados semanalmente na grande imprensa ou em revistas mensais, seus contos eram lidos e comentados nos lares burgueses do país inteiro, segundo relata Humberto de Campos em prefácio ao livro póstumo *Contos Cariocas*.⁷ A série “Contos Possíveis” que deu título à primeira

3. OLIVEIRA, Alberto de, *Os Cem Melhores Sonetos Brasileiros*, Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1932. BANDEIRA, Manuel, *Antologia dos Poetas Brasileiros. Fase Parnasiana*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
4. MARQUES, Pedro, “Arthur Azevedo e a Arte do Soneto Dramático”, *Remate de Males*, n. 28(1), jan.-jun. 2008, pp. 53-63.
5. MAGALHÃES JR., Raimundo de, *Arthur Azevedo e sua Época*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
6. AZEVEDO, Arthur, “Garcia Redondo”, *Conferência* [na Sociedade de Cultura Artística da cidade de São Paulo], São Paulo: Cardoso Filho, 1914. Apud SEIDL, Roberto, *Arthur Azevedo: Ensaio Bio-bibliográfico*, Rio de Janeiro: Editora ABC, 1937.
7. CAMPOS, Humberto de, “Prefácio”, *Contos Cariocas* (livro póstumo), Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1928, pp. 8-II.

reunião de sua prosa reunida em livro, de 1889, circulou na revista mensal *O Comentário*, entre 1877 e 1878, enquanto os relatos de uma de suas últimas séries, “Contos Ligeiros”, ganharam estampa nas publicações do diário *O Século*, no ano de 1906. Narrativas breves com presença constante nas antologias de hoje, como “A Filha do Patrão”, do volume *Contos Fora de Moda* (1893), tiveram destino inicial nos diários, periódicos e almanaques, que tipografias prestigiosas, como a da *Gazeta*, ou de respeitáveis casas editoriais, como Garnier e Guimarães, lançaram nas últimas décadas do século XIX e início do XX para deleite de um público burguês ávido de lazer e de entretenimento doméstico.

Na prosa curta, Arthur Azevedo revelou possuir um olhar arguto e penetrante em relação ao comportamento e aos valores da incipiente burguesia urbana, tanto na província como na capital. Ainda no Maranhão procurou fotografar os costumes da sociedade local por meio de historinhas que formavam uma espécie de saga, sob a designação de *Uma Sociedade – Leitura para Bondes*, publicadas no jornal *O Domingo*.⁸ Deu continuidade ao registro no Rio de Janeiro, onde também focalizou relacionamentos familiares, conjugais e profissionais, trazendo flagrantes satíricos de práticas cotidianas. De maneira divertida e brejeira, chamou a atenção para a mentalidade vigente, ilustrando por intermédio de tipos urbanos, tais como o comerciante português, o caixeiro, o funcionário público e o pilantra, as aspirações econômicas, os desejos de ascensão e as fraquezas de caráter de seus contemporâneos. A adoção de um tom satírico suave na abordagem dos tipos urbanos deu-lhe, na avaliação de Tristão de Athayde, o lugar de introdutor das classes médias em nossas letras. Deu entrada, na literatura nacional, ao comércio, aos pequenos burgueses, a toda uma galeria de heróis representativos do espírito prosaico de então.⁹ Pondo em ação personagens exemplares da sociedade em que vivia, sem cair no sarcasmo corrosivo, nem aprofundar sutilezas psicológicas, Arthur elaborou na sua prosa corrida um panorama singelo e risível das cidades. Assim, pôde contar com a recep-

8. MARTINS, Antonio, *Melhores Contos de Arthur Azevedo*, São Paulo: Global, 2001, pp. 7-24.

9. ATHAYDE, Tristão de, “Vida Literária”, *O Jornal*, 7 de outubro de 1928. *Apud* SEIDL, Roberto, *op. cit.*

tividade e a simpatia dos leitores de todo o país, que lhe deram a glória de ser um contista bem-aceito e bastante popular.

Porém, não foi por conta da prosa e sim do teatro que o nome de Arthur Azevedo começou a ganhar popularidade. A boa acolhida da peça em um ato *Uma Véspera de Reis*, protagonizada pelo famoso ator Xisto Bahia no teatro São João, em Salvador, no dia 15 de junho de 1876, lançou seu nome como dramaturgo talentoso. Na Corte do Segundo Império, o sucesso lhe acariciaria o bolso meio ano mais tarde com a montagem de *A Filha de Maria Angu*, em uma produção do empresário experiente, Jacinto Heller. O talento para adaptar títulos estrangeiros vertidos para a nossa língua trouxe-lhe outros êxitos de bilheteria e a oportunidade de firmar-se como autor de comédias alegres, tradutor de operetas, óperas cômicas e criador de paródias e anedotas rentáveis.

Uma viagem à Europa, em 1883, despertou Arthur Azevedo para a novidade das revistas de ano, gênero que adotou e ao qual se dedicaria praticamente até o final de sua vida, contabilizando sucessivos e estrondosos êxitos de bilheteria. Nas primeiras revistas de ano trabalhou em parceria com o baiano Moreira Sampaio. Juntos assinaram seis títulos: *O Mandarim* (1883), *Cocota* (1884), *O Bilontra* (1885), *Mercúrio* (1886), *O Carioca* (1886) e *O Homem* (1887). Em coautoria com seu irmão, Aluísio Azevedo, escreveu *Fritzmac* (1888) e *República* (1889), revista sobre os acontecimentos do ano em que caiu o Imperador. Censurada pelo conservatório devido ao conteúdo político, a peça teve divulgação parcial de seus quadros no jornal *Correio do Povo*. Incansável, Arthur contou com a colaboração de vários outros revisteiros de renome, a exemplo de Eduardo Garrido, Gastão Bousquet, Urbano Duarte, Arthur Barreiros, Orlando Teixeira, Oscar Pederneiras, Azeredo Doutinho e Luiz Piza.

No decorrer dos anos de 1890, já bastante conhecido e aclamado pelo público carioca, lançou-se sozinho na criação de peças sérias, como *Viagem ao Parnaso* (1890), tentativa, aliás, fracassada de conceber peças literárias com temática mitológica. Um acolhimento bem melhor receberam *O Badejo* (1898) e peças cômicas nas quais triunfou, como *Tribofe* (1891), *O Major* (1894), *A Fantasia* (1895), *O Jagunço* (1897) e *Gavroche* (1898). Data também dessa época a sua revista modelo, aquela que fixou em definitivo o gênero musicado no Brasil, *A Capital Fede-*

ral (1897), a mais conhecida, encenada e reeditada de suas criações no gênero.

Se é verdade que Arthur Azevedo contribuiu com suas peças musicadas para enriquecer a nossa tradição cômica, cujo germen encontra-se na obra de Martins Pena, é igualmente verdade que pretendeu regenerar a arte dramática e reeducar o gosto do público, muito acostumado aos dramalhões de capa e espada. A comédia de costumes *O Dote* (1907), que escreveu para Lucília Perez protagonizar, aproveita a sugestão de uma crônica de Júlia Lopes de Almeida, publicada em *O País*, para discutir de maneira refletida o tema do casamento. A peça voltou aos palcos para aplauso da audiência dezenas de vezes, passando a fazer parte do repertório de companhias profissionais e amadoras. O biógrafo Roberto Seidl declara que a preferência de Arthur recaía, no entanto, sobre a peça *O Oráculo* (1903), adaptada a partir de seu conto “Sabina”. Prevista para ser representada pela atriz Georgina Pinto, esta só subiu à cena em 1907, pelas mãos da companhia de Dias Braga, visto que a atriz faleceu, vítima de febre amarela, antes da estreia. O empenho de Arthur Azevedo em reerguer a dramaturgia fez que, além do trabalho autoral, assumisse a organização do programa teatral da Exposição Nacional, aberta em agosto de 1908. Abatido pelos problemas de saúde que se agravavam, o dramaturgo acabou não suportando o desgaste físico daquela empreitada e abandonou de vez a cena brasileira no mês de outubro daquele ano.¹⁰

TANTOS PSEUDÔNIMOS

Arthur Azevedo pode ser considerado um dos primeiros a transformar a atividade de jornalista, até então pouco valorizada ou mesmo secundária se comparada ao serviço público e ao comércio, em uma profissão de prestígio. Ao lado de colegas que formavam o grupo boêmio na Corte, participou do movimento de migração dos escritores para a grande imprensa, artistas e jornalistas egressos de pequenas revistas de contestação ou brochuras ilustradas efêmeras que se transferiram para

10. AZEVEDO, Arthur, *Teatro de Arthur Azevedo*, organização de Antonio Martins, Coleção Clássicos do Teatro Brasileiro, vols. IV e V, Rio de Janeiro: Funarte, 2002.

empresas comerciais. A entrada nos diários de alcance nacional aponta o começo de um percurso de consagração característico, em certa medida, da convivência estreita que sua geração, republicana e abolicionista, estabeleceu com os leitores e com a sociedade, a qual quis reeducar e transformar, por meio da tribuna e da escrita jornalística. A crescente necessidade de profissionalização dos homens de letras e o aumento do interesse pelo noticiário, aliados à expansão dos meios de divulgação impressa pesaram favoravelmente na ampliação do público leitor. O avanço das técnicas tipográficas, com o decorrente barateamento dos impressos, permitiu o lançamento de tiragens maiores e visualmente mais atraentes. O final do século XIX assiste, assim, a uma verdadeira explosão de ofertas para leitura; jornais, almanaques, semanários ilustrados e revistas luxuosas abriram as portas para a colaboração e progressiva profissionalização dos letrados.¹¹

Arthur Azevedo iniciou sua trajetória na imprensa de São Luís do Maranhão como redator e editor do hebdomadário *O Domingo*, que fundou com amigos próximos. Nesse pequeno jornal criticou instituições públicas e ações de governantes locais, redigindo sátiras em versos, que reuniu no volume *Carapuças*.¹² Os ataques de sua pena lhe custariam o emprego na Secretaria do Governo, onde estava trabalhando desde 1870, depois de já ter sido despedido do primeiro emprego como caixeiro, que o pai lhe arrumara, devido à algazarra em que se envolvera no teatro. Aborrecido com a dispensa do serviço público, que considerou injusta, decidiu mudar-se para o Rio de Janeiro, partindo no vapor *Baía*, em 21 de agosto de 1873. Uma vez instalado na capital, passou a representante e correspondente de *O Domingo* no qual publicou matérias numa coluna intitulada “Corte”. Continuou a enviar poemas satíricos, contos e crônicas de opinião para diversos órgãos maranhenses, além do próprio *O Domingo*, tais como *A Flexa*, *A Pacotilha* e *O País*.

11. MARTINS, Ana Luísa, *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República – São Paulo (1890-1922)*, São Paulo: Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.
12. AZEVEDO, Arthur, *Carapuças, o Domingo, o Dia de Fínados – Sátiras 1*, introdução, estabelecimento de texto e notas de Antonio Martins de Araújo, Rio de Janeiro: Presença/Minc/INL, 1989.

Para garantir seu sustento no Rio de Janeiro, empregou-se como professor no Colégio Pinheiros, tradicional estabelecimento de ensino da cidade. Paralelamente, a oportunidade de trabalhar por alguns meses no jornal *A Reforma*, do conterrâneo Joaquim Serra, ajudou-o a amadurecer profissionalmente e a ganhar experiência nas tarefas de tradução de folhetins franceses e na revisão geral de matérias do noticiário. Em 1875 conseguiu efetivar-se em cargo público como amanuense do Ministério da Viação, no qual fez carreira durante o resto da vida.

Sempre seduzido pela atividade jornalística, em 1878 passou a colaborar com o *Diário do Rio de Janeiro*, veículo voltado para o comércio, lavoura e indústria. Manteve várias seções no diário, que, entretanto, fechou sua redação naquele mesmo ano. Nesse matutino, ficou responsável pelos folhetins, pela série “Bric-à-Brac”, que assinou como Dorante, e pelas crônicas da coluna “Teatros, Clubes e Circos”.¹³ Gostava de acompanhar e fazer a cobertura dos espetáculos teatrais, sobre os quais redigia comentários e procurava deixar sugestões. Além de crítico na imprensa diária, dirigiu semanários dedicados ao assunto teatral, como a efêmera *Revista de Teatro*, que pouco durou, em 1879, e a *Revista do Rio de Janeiro*, na qual estreara em janeiro de 1877, a convite do editor Serafim José Alves, na função de diretor e cronista. Mantinha ali uma atitude debochada e irreverente ao tratar dos assuntos do palco. Criticava a atuação dos atores, a formação das companhias e a falta de qualidade do repertório em cena.

Em 19 de novembro de 1880 arriscou-se em novo empreendimento jornalístico. Entrava em circulação naquela data a folha diária que fundou com Aníbal Falcão. A *Gazetinha*, como se chamou, fazia alusão à prestigiosa *Gazeta de Notícias*, lançada em 1875, sob a direção do jornalista Ferreira de Araújo, a quem desagradou a iniciativa da concorrência. A recém-surgida folha logo se fez conhecer como *Gazetinha do Vintém*, em razão do preço baixo com que se lançava na disputa pelos leitores. Chegava recheada de notícias curiosas, pilhérias, anedotas teatrais e anúncios, além de folhetins traduzidos e poemas, principalmente sonetos. Muitas matérias eram da lavra do próprio Arthur, que não

13. MÉRIAN, Jean-Ives, *op. cit.*

raro cobria as lacunas da redação, fazendo de tudo um pouco. Depois de ajustado o valor de venda e ampliado o quadro de colaboradores, o empreendimento sobreviveu, mantendo-se ao longo de 1882, até 14 de abril de 1883. Contava com o entusiasmo e a energia de jovens intelectuais e artistas como Teófilo Dias, Urbano Duarte, Fontoura Xavier, Lúcio de Mendonça, Alberto de Oliveira, Aluísio Azevedo, Luís Delfino, dentre outros frequentadores assíduos de sua agitada redação. Da *Gazetinha* saíram palavras de contestação à Monarquia e manifestações enfáticas de apoio à causa abolicionista redigidas pelos republicanos de primeira hora, como Lopes Trovão e José do Patrocínio.

Arthur Azevedo intensificou a atuação na imprensa, durante o correr da década de 1880, conciliando o trabalho no Ministério com a colaboração permanente em diversos jornais de grande tiragem e periódicos semanais ou mensais. Tornou-se cronista do *Diário de Notícias* (1885), no qual assinou diariamente a coluna “De Palanque”. Utilizou o seu pseudônimo “Eloy, o Herói”, por trás do qual se escondeu também nas páginas de abertura da revista *A Vespa*, no jornal satírico *O Mequetrefe*, nas folhas *Novidades*, *O Dia*, *O País*, além das “croniquetas” que preparou para a revista *A Estação*. Recorrer a vários pseudônimos era prática disseminada entre os escritores para permitir a publicação de críticas independentes, de produções humorísticas ou para proteger-se sob o disfarce, em caso de temas polêmicos. Embora hoje seja uma tarefa árdua para os pesquisadores descobrir os verdadeiros nomes encobertos pelas inúmeras alcunhas adormecidas nos arquivos, os autores mascarados, às vezes, acabavam por ter seus nomes revelados pelos próprios contemporâneos, amigos ou concorrentes.

Ciente dos recursos estratégicos e também publicitários que os pseudônimos ofereciam, Arthur Azevedo diversificou e alternou suas designações na imprensa, evitando o cultivo de um único ponto de vista e, às vezes, competindo consigo mesmo ou simulando crítica a respeito de suas próprias criações, de modo a chamar a atenção dos leitores, numa clara estratégia publicitária. No matutino *O País*, por exemplo, retomou “Eloy, o Herói” na coluna “A Semana”, a partir de 1901, depois de ter usado por quase uma década as iniciais de seu nome (A.A.) em “Palestra” e ter atribuído a Frivolino e Frivolão a seção “Frivolidades”.

Nos contos e na crítica de arte preferiu assinar com o nome completo, Arthur Azevedo.¹⁴

Cedeu a autoria das estrofes rimadas com que glosava os acontecimentos do noticiário ao debochado Gavroche. Era o seu Gavroche quem endereçava aos leitores comentários bem-humorados a respeito de matérias e manchetes publicadas na imprensa, servindo como uma espécie de humorista do próprio conteúdo dos jornais. Para alimentar as glosas de Gavroche, Arthur Azevedo inspirava-se em todo tipo de ocorrência, sem distinguir entre assuntos locais, nacionais ou internacionais. Tudo dependia daquilo que poderia render graça. Aproveitava de tudo, desde telegramas provenientes de agências de notícias, até anúncios de caráter comercial, colunas dedicadas “a pedidos”, notas breves e classificados. Um exemplo dessa disposição para o humor pode ser visto na nota “Senhora de educação e comportamento deseja encontrar uma casa de senhor viúvo ou solteiro para empregar-se como governante”, da qual extraiu assunto para sua maliciosa composição em versos:

Solteiro, vivo no inferno;
Vou ver esta anunciante
Mas antes de a encontrar,
Quero para meu governo,
Saber o que a governante
Entende por governar.¹⁵

Alguns escritos divulgados na imprensa reproduziram composições anteriores, o que assinala um constante reaproveitamento de temas e formas no interior da imensa produção de Arthur. Não era incomum a retomada de pseudônimos adotados previamente, como “Eloy, o Herói”, Gavroche, Cratchit, Cosimo, X.Y.Z, Dorante, dentre tantos. Desdobrava-se o escritor sob diversas designações, para compor e criar em muitas frentes. Seus nomes e codinomes ligam-se a quase todas as publicações políticas e culturais da virada do século. No amanhecer da Primeira Re-

14. MÉRIAN, Jean-Ives, *op. cit.*, p. 93.

15. MAGALHÃES JR., Raimundo de, *op. cit.*, p. 172.